

A INTERCOMPREENSÃO EM LÍNGUAS ROMANAS (INTERCOMPREHENSION IN ROMANCE LANGUAGES)

Cintia Avila Blank

Universidade Aberta do Brasil/Universidade Federal de Pelotas – Pelotas – RS

cintiablank@gmail.com

Abstract: *Researches about the intercomprehension of similar languages are being emphasized more and more in European setting. It is being characterized for its cultural and linguistic plurality. What is being called intercomprehension, in general, it is the idea that each person can express himself/herself in his/her own language and being understood. This situation is deeply satisfying the political, linguistic and cultural needs of United Kingdom inhabitants. At this work, it will not be done just a relation of the main ideas developed about the topic, but also a relation of projects which are using intercomprehension issues, in Europe or other places. It will be more emphasized those works that involve Roman languages.*

Key-words: *multilingualism; intercomprehension; L2 teaching and learning; similar languages; romance languages.*

RESUMO: *As pesquisas acerca da intercompreensão de línguas próximas vêm ganhando cada vez mais destaque no cenário europeu, caracterizado, mormente, por sua pluralidade lingüística e cultural. O que se tem chamado intercompreensão, grosso modo, é a idéia de cada um poder expressar-se na sua língua e ser entendido, o que vem satisfazendo, profundamente, as necessidades lingüísticas, culturais e também políticas dos povos integrantes da União Européia. Neste trabalho, será feito um inventário das principais idéias desenvolvidas no âmbito da intercompreensão, bem como dos projetos mais exitosos que vêm servindo de base para a sua implementação tanto na Europa como em contextos diversos. Dar-se-á maior ênfase, aqui, aos trabalhos relacionados às línguas romanas.*

Palavras-chave: *multilinguismo; intercompreensão; ensino e aprendizagem de L2; línguas próximas; línguas romanas.*

Em vários momentos da história, a humanidade preocupou-se em discutir em que termos se poderia estabelecer uma comunicação efetiva entre os povos, em que pese a pluralidade lingüística imanente à linguagem humana. Estudar uma língua estrangeira (doravante L2), seja em contextos formais ou informais, vêm sendo a maneira encontrada pelo homem para diminuir as distâncias na interação. Porém, tem-se buscado, corriqueiramente, um domínio da L2 estudada que raramente é alcançado e que pouco tem levado em consideração os objetivos dos aprendizes. Com isso, criam-se certas leis no ensino de L2 que acabam gerando mitos e crenças que somente obstaculizam o processo de aprendizagem. Para ilustrar essa prática, pode-se citar a idéia muito difundida de que sempre se deve trabalhar as

quatro habilidades lingüísticas (com ênfase na habilidade oral) e que, para aprender uma língua estrangeira, é necessário aprender a pensar nessa língua, sem lançar mão, jamais, do recurso à língua materna do aluno. Trata-se, certamente, de uma tentativa irracional de transformar o aprendiz de L2 num nativo, o que, grosso modo, caracteriza-se numa postura que possui grande responsabilidade no fracasso atual do ensino de L2.

Outro fato que pode interferir no aprendizado de uma L2 reside no plano político, já que, na maioria dos casos, e por motivos bastante evidentes, busca-se estudar uma língua de “pretensão franca”, e não, talvez, alguma que partisse da motivação real do aprendiz. Como foi o latim e o francês, a seu tempo, o inglês, no contexto atual, mantém esse estatuto de língua internacional. O estudo de tal língua tem se tornado praticamente obrigatório, tanto nas relações profissionais como nas sociais e políticas estabelecidas entre os povos.

Neste trabalho, não se pretende contestar a hegemonia da língua inglesa, até porque se entende esse processo hegemônico como algo natural nas relações do homem com o poder. Porém, pretende-se que o recurso a uma língua franca, além de fortalecer uma polaridade que favorece politicamente numa única direção, acaba reduzindo os horizontes dos aprendizes, que sempre estarão condicionados a receber as informações desejadas através do filtro de uma única língua estrangeira.

Numa tentativa de reformular as concepções metodológicas vigentes no ensino de L2, bem como as concepções acerca do aprendiz e da função social e política desse ensino, surge, na Europa, o conceito de intercompreensão. Uma vez que a União Européia decidiu que as línguas oficiais e de trabalho da comunidade seriam as línguas de seus estados – o que corresponde ao número atual de 25 estados membros –, passou-se a pensar numa forma eficaz de garantir o direito à compreensão entre todas as línguas envolvidas nesse processo.

O interesse pelo desenvolvimento da intercompreensão surgiu, dessa forma, no fim dos anos 80, início dos 90, quando a Comunidade Européia passou a ser chamada de União Européia. Porém, é fato que os europeus já dominavam essa técnica com muita antecedência. Há documentos indicando que, desde as feiras medievais de *Troyes en Champagne*, os clientes e negociantes que vinham de toda a Europa sempre interagiam cada um na sua língua materna, entendendo-se sem maiores dificuldades.

O que caracteriza a intercompreensão, grosso modo, é o fato de cada um poder expressar-se na sua língua e, igualmente, ser entendido, sobretudo se as línguas envolvidas nesse processo pertencerem à mesma família (HERMOSO, apud MELO, 2005). A idéia central do projeto visa fortalecer as famílias lingüísticas, as línguas minoritárias e a identidade nacional das comunidades (embora possa ser essa identidade apenas uma ilusão necessária). Também, busca-se garantir uma precisão maior no diálogo entre os povos, visto que não se recorre a uma língua que não pertence aos interlocutores, o que pode dificultar a comunicação ou torná-la rudimentar. Nas palavras de Chavagne (2006:04), o diálogo fica mais equilibrado e eficaz, pois:

as pessoas e as línguas encontram-se numa posição de igualdade, de reciprocidade; cada interlocutor está à vontade e pode exprimir-se com a sutileza que deseja, o que chegamos a fazer muito dificilmente ou muito tarde numa língua que não é nossa; a situação é mais harmoniosa, convivial, porque cada um aprecia o esforço que o outro faz.

O propósito político do projeto parte desse princípio democrático e assegura, dessa forma, uma maior igualdade nas relações político-econômicas entre países. A diversidade é entendida – a despeito do que se vê na história da Torre de Babel – “não como um obstáculo a (inter) compreensão e ao diálogo entre os povos, mas antes como potencial de comunicação, sem facilitismos de ordem pragmática, como o recurso a uma língua franca” (MELO, 2005).

Com o redimensionamento da visão acerca do aprendiz no processo de aprendizagem, tem-se uma metodologia que acaba rompendo com concepções mais tradicionais de ensino. Em primeiro lugar, o aprendiz recebe um papel de destaque no projeto da intercompreensão, sendo o principal responsável por seu progresso na aprendizagem, já que é ele quem define o seu ritmo de trabalho e as suas necessidades. Assim, admite-se que cada um possui as suas diferenciações no que diz respeito ao grau de motivação, de capacidade e de disponibilidade para a aprendizagem. Dessa forma, os alunos não são considerados dentro de um grupo, como ocorre geralmente nas escolas, onde é impossível que se pense nos problemas e dificuldades individuais de aprendizagem. Trata-se, pois, no caso da intercompreensão, de uma aprendizagem mais particularizada, o que acaba trazendo uma maior contribuição para o êxito dos estudantes em seus propósitos.

Outra concepção importante trazida pelo viés da intercompreensão diz respeito aos objetivos da aprendizagem de uma L2. Segundo esse projeto, são admitidas competências parciais em L2, ou seja, o aprendiz tem o direito de escolher o que pretende aprender de acordo com suas necessidades mais prementes. Com isso, rompe-se com o mito do nativo e parte-se para um ensino mais próximo da realidade na qual se encontram os aprendizes. Foca-se o ensino da língua nas habilidades de compreensão oral e/ou escrita, favorecendo a intercompreensão entre as línguas. O que mais chama a atenção, nesse ponto, é que se parte do desenvolvimento de habilidades consideradas passivas para que haja o estabelecimento da comunicação. Isso, sem dúvida, constitui-se numa grande inovação se se considerar o que dizem as concepções mais tradicionais oriundas do ensino de línguas a esse respeito.

Além disso, o projeto da intercompreensão ainda rompe com um verdadeiro tabu no âmbito de ensino de L2, já que confere à língua materna do aprendiz e a outras L2 que ele tenha estudado uma posição de destaque. Com isso, essas línguas constituem-se num importante ponto de apoio para a aprendizagem, não sendo mais consideradas influências negativas, responsáveis por “interferências” que acabam tornando a L2 do aprendiz impura, distinta da de um nativo. Dessa forma, a aprendizagem é encarada sob à luz mais favorável de uma transferência entre conhecimentos, que podem, certamente, contribuir reciprocamente, ainda mais quando se está tratando de línguas aparentadas, pertencentes à mesma família. Dá-se ênfase, assim, às diferenças entre as línguas, deixando que as semelhanças venham à tona naturalmente. Para que o foco da aprendizagem incida sobre essas diferenças, no entanto, parte-se da construção de uma gramática contrastiva, permitindo, assim, um exame mais atento do que realmente causaria um maior estranhamento por parte dos aprendizes.

Vários projetos envolvendo línguas próximas vêm sendo desenvolvidos no âmbito europeu. As línguas eslavas são representadas, atualmente, pelo projeto EuroComSlav e, as germânicas, pelos projetos EuroComGerm, SIGURD, IGLO. Já no que tange às línguas românicas, os projetos EuRom4, EuroComRom, GALATEA e GALANET constituem-se nos mais expressivos.

O projeto EuRom4, coordenado por Claire Blanche-Benveniste, foi desenvolvido na *École Pratiques des Hautes Études de Paris*, França, entre os anos de 1989 e 1997, e é o pioneiro dedicado às línguas romanas no âmbito da intercompreensão. Parte-se do princípio, nesse projeto, de que, em se conhecendo uma ou duas línguas romanas, facilmente pode-se adquirir uma competência receptiva das outras. Essa competência é desenvolvida simultaneamente nas quatro línguas trabalhadas, quais sejam, francês, português, italiano e espanhol, através de textos autênticos, cujos conteúdos repousam sobre um saber compartilhado.

Primeiramente, editado sob a forma impressa, esse projeto foi adaptado para uma versão informatizada. As principais vantagens dessa adaptação asseguraram uma maior difusão do curso pela Europa (e também em outros contextos) e o acréscimo de conteúdo fonético ao material desenvolvido. Esse material fonético consiste numa leitura de todos os

textos apresentados por diferentes locutores (homens e mulheres), em diferentes graus de velocidade, e podem ser escutados de forma contínua ou segmentada.

As lições propostas exigem que os alunos escutem um texto e leiam-no silenciosamente para que, a seguir, possam traduzi-lo através das semelhanças notadas. No momento em que encontra uma dúvida, o estudante pode obter imediatamente a tradução de uma palavra ou expressão do texto nas quatro línguas romanas, apenas passando o mouse sobre ela. A consulta a outras informações, como as concernentes à sintaxe, à morfologia, à enciclopédia e à semântica também ocorre da mesma forma.

A veiculação do projeto dá-se no formato CD-ROM, comportando o software, 96 lições, um conjunto de documentos anexos, a parte fonética e um guia de ajuda. Não se descarta, também, o uso desse material associado a um servidor de rede, porém, entende-se que, para tanto, seria necessário recorrer a uma técnica mais complexa.

O EuRom4 visa atender um público adulto tanto de cursos convencionais – os quais deverão dispor, além de um professor capacitado para esse trabalho, de computadores e projetores para o uso nas aulas – como aquele mais autônomo e individualizado, que dirige sua aprendizagem de acordo com suas necessidades.

O projeto EuroComRom, que faz parte do projeto EuroCom, coordenado por Horst G. Klein, da *Johann Wolfgang Goethe-Universität*, Alemanha, objetiva desenvolver a intercompreensão entre três famílias de línguas européias, quais sejam, as românicas, as germânicas e as eslavas. Além das quatro línguas românicas utilizadas pelo método EuRom4, trabalha-se também com o catalão e o romeno.

De grandes pretensões, esse projeto considera desenvolver as competências receptivas em línguas de outras famílias além daquela a qual pertence a língua materna do estudante. Busca-se, sobretudo, despertar a consciência do aprendiz para os processos metacognitivos implicados no momento da aprendizagem. Para tanto, após a tradução dos textos, os alunos devem formular os “caminhos” mentais que permitiram a construção do sentido. Dessa forma, contribui-se para que os aprendizes elaborem uma ferramenta cognitiva (como um monitor) baseada nas descobertas que eles próprios fazem. Espera-se que essas ferramentas sejam transferidas quando da aprendizagem de outras línguas e, ainda, de outras situações de aprendizagem.

O método EuroCom, como um todo, apresenta-se sob o formato CD-ROM e sob à forma de sites na internet (um para cada família lingüística contemplada). O método, desenvolvido para um público de estudantes de cursos de línguas, apóia-se num dispositivo operacional nomeado “sete passadores” ou “sete peneiras”, inspirado, fortemente, nos princípios oriundos dos estudos contrastivos entre as línguas. Tal método permite que o aprendiz retire da língua-alvo tudo o que já lhe pertence, pois se entende que ele já dispõe desses elementos na sua língua materna. Assim, é possível chegar a uma compreensão cada vez mais refinada da língua-alvo, o que permite um bom entendimento dos textos propostos. Os passadores consistem num método de extração de informações organizado em sete etapas, a saber: extração do vocabulário internacional dos textos; destaque do vocabulário específico comum à família das línguas latinas; relações de correspondências entre os fonemas; relações entre grafias e pronúncias; transparências nas formas sintáticas das línguas latinas; reconhecimento da morfologia; e, por fim, elaboração de uma lista de prefixos e sufixos.

Outro importante projeto que objetiva desenvolver a competência leitora em quatro línguas romanas (português, francês, espanhol e italiano) é o GALATEA. Tal projeto, criado por uma equipe internacional, é gerenciado pelo laboratório de lingüística e didática de línguas estrangeiras e maternas da Université de Grenoble 3 e destina-se a estudantes de qualquer faixa etária. Como nessa proposta o ensino das línguas não é simultâneo, os sete CD-ROMs disponíveis propõem uma rápida sensibilização às línguas romanas trabalhadas antes que o aprendiz estipule qual delas quer estudar primeiro. Levando em consideração os

conhecimentos prévios do aprendiz, a progressão dentro do dispositivo busca uma maior interatividade, com recursos lúdicos que motivam a busca do sentido nos textos e incitam o aprendiz a descobrir a língua por si mesmo. Todas as atividades realizadas pelo aprendiz ficam registradas, possibilitando que sejam examinadas detalhadamente por um professor de línguas, que pode fazer um balanço do progresso do aluno.

Desenvolvido a partir da metodologia GALATEA, o projeto GALANET constitui-se numa plataforma na internet destinada a estudantes de cursos superiores, estudantes de ensino médio e adultos que, embora não mantenham um vínculo educacional, podem formar parte desse projeto se já tiverem algum conhecimento a respeito de uma língua latina. A característica peculiar dessa plataforma é a sua pedagogia centrada em projetos entre equipes, numa clara promoção da autonomia e da cooperação mútua. Ao aprendiz não é requerido somente que compreenda os textos propostos, mas também as intervenções e argumentações dos outros aprendizes, que podem escolher tanto a sua língua materna como outra da família latina para realizar seus objetivos comunicativos. Em alguns cursos universitários, o projeto GALANET tem sido incorporado como disciplina optativa e a avaliação dos alunos participantes é feita de acordo com o desempenho nas tarefas propostas.

Os projetos desenvolvidos nessa plataforma consistem na elaboração de vários dossiês de imprensa plurilíngües, que são organizados por diferentes equipes divididas em sessões. Independente do projeto em que cada um está inscrito, é possível estabelecer uma interação entre todos os participantes. Assim, discutem-se temas comuns ou específicos a cada dossiê através de uma lista de fóruns, realizados na plataforma antes da publicação do dossiê plurilíngüe final. Para facilitar a comunicação entre os participantes, várias ferramentas e recursos são disponibilizados, como exercícios de compreensão, informações precisas de gramática e descrições de correspondências morfológicas entre as línguas romanas.

Ademais dos projetos supracitados, também são desenvolvidos no cenário europeu os projetos Itinerários Romanos e EUROMANIA. Proposto pela União Latina, o projeto Itinerários Romanos, veiculado na forma de um site de internet, objetiva oferecer uma sensibilização ao multilingüismo já no primeiro ciclo da educação secundária. Utilizam-se como recursos de aprendizagem histórias, contos e narrativas, sempre apresentados sob a forma de histórias em quadrinhos. Contempla-se aqui tanto a compreensão oral como a escrita dos seis idiomas envolvidos no projeto (leia-se catalão, espanhol, francês, italiano, português e romeno). Com isso, espera-se que o público-alvo possa adquirir o gosto pela aprendizagem de lugares, culturas e línguas diferentes ao mesmo tempo em que se diverte.

O projeto EUROMANIA, destinado a alunos do fim do ciclo elementar (8 a 11 anos), pretende fornecer elementos culturais e históricos para que haja uma aproximação efetiva das línguas romanas aos aprendizes iniciantes. Além de trabalhar com o espanhol, o francês, o italiano e o português, esse projeto também engloba o romeno (assim como o faz o projeto Itinerários Romanos) e o occitano, que figura pela primeira vez em projetos de intercompreensão. Como o projeto ainda está em fase de construção, sua metodologia não está completamente definida. Todavia, parece que o curso adotará uma forma impressa (contendo dezoito módulos disciplinares e um CD de conteúdo sonoro) que será complementada com um site na internet, responsável por um importante serviço de banco de dados que ficará a disposição tanto dos alunos como dos professores.

Ao que tudo indica, a criação européia da intercompreensão parece estar ganhando novos ares, difundindo-se rapidamente por outros contextos, também interessados nessa “nova” forma de comunicação plurilíngüe. Para ilustrar, registre-se um exemplo realizado no âmbito brasileiro, intitulado Paz apesar de Babel (PAB), idealizado pela Prefeitura Municipal de São Paulo. Esse projeto visa desenvolver as capacidades de comunicação de jovens de países diferentes, tanto em língua materna (LM) como em L2. Participam do projeto pesquisadores em info-educação, em ciências da educação e didática de línguas. Também,

militantes de movimentos pedagógicos, como o Freinet, e o Serviço de Cooperação e de Ação Cultural do Consulado geral da França em São Paulo estão engajados nesse projeto, consubstanciando um grupo de pesquisa.

Através de uma plataforma na internet, o projeto brasileiro trabalha com conteúdos de várias disciplinas, possibilitando que os alunos das escolas municipais contempladas escolham a quais pressupostos específicos desejam se referir. Ainda em fase inicial, pretende-se estabelecer uma metodologia na qual os alunos envolvidos tenham que elaborar correspondências eletrônicas na sua língua materna, trocando-as com alunos falantes de outras línguas. Dessa forma, para compreender seus interlocutores estrangeiros, todos os alunos deverão desenvolver competência leitora na língua-alvo.

Apesar de ser desejável, não é absolutamente necessário que as escolas envolvidas disponibilizem acesso à internet a seus alunos, pois entende-se que, caso seja possível, eles podem realizar as tarefas utilizando seus próprios computadores. Atualmente, é possível estabelecer comunicação apenas com alunos franceses, mas tem-se buscado um alargamento que inclua as principais línguas latinas.

Além dos projetos que começam a florescer pelo mundo, vários seminários e encontros vêm ocorrendo com o propósito de discutir os rumos da intercompreensão. Inúmeros eventos já foram realizados pelo continente americano, africano e europeu. Num apanhado geral, a União Latina parece ter sido o órgão que mais difundiu os ideais da intercompreensão.

Cumpré ressaltar, face o exposto, que os propósitos da intercompreensão, criada, primeiramente na Europa, parecem estar consolidando-se numa forte tendência no ensino de línguas pelo mundo. Ao permitir um ensino focalizado nas necessidades reais dos alunos e ao romper com concepções infundadas sobre a aprendizagem de línguas, esse projeto, considerado moderno e promissor, acaba chamando a atenção não apenas de profissionais interessados na construção de novas metodologias e tecnologias para o ensino de línguas, mas, inclusive, daqueles comprometidos com as questões políticas e sociais que são inerentes a esse ensino.

Fomentar os ideais do multilingüismo e do multiculturalismo, promover um melhor entendimento entre as nações e servir de complemento ao inglês como língua hegemônica são os principais objetivos dessa inovação. Espera-se que, com o aumento das pesquisas e da divulgação em torno desse projeto, possa-se dispor de mais iniciativas envolvendo a intercompreensão de línguas próximas tanto na Europa como também em contextos diversos.

Referências

- BLANCHE-BENVENISTE, Claire & VALLI, André. *L'intercompréhension: le cas des langues romanes*. Le français dans le monde. França, 1997.
- CASTAGNE, Eric. *Pour créer l'intercompréhension en l'Europe. À propos d'EuRom4 et d'autres programmes destinés à former à la compréhension de langues apparentées*. Disponível em: WWW.nordiska.uu.se/fums/konferenser/Eric_Castagne_27april/06.pdf. Acesso em: 02 de outubro de 2008.
- CHAVAGNE, Jean Pierre. *A intercompreensão para o trabalho comum a distância*. Disponível em: <http://ute.umh.ac.be/galanet/>. Acesso em: 22 out 06.
- KLEIN, Horst. *O conceito do grupo de investigadores EuroCom*. Disponível em: www.hgklein.de/sieben/. Acesso em: 22 out 06.
- MELO, Sílvia. *A utilização das TIC no ensino-aprendizagem de línguas: o projeto GALANET no contexto europeu de promoção da intercompreensão em línguas românicas. O caso do PLE*. Disponível em: http://www.instituto-camos.pt/CVC/idiomatico/02/galanet_ple.pdf. Acesso em: 22 out 06.

ROBERT, J.M. *Langues voisines, langues proches et langues lointaines: implications didactiques*. Disponível em: www.u-picardie.fr/LESCLaP/documents/textes_membres.php. Acesso em: 10 dez 06.